

## A DESUMANIZAÇÃO: RESSIGNIFICANDO A IDEIA DE HUMANIDADE

### A DESUMANIZAÇÃO: REDEFINING THE IDEA OF HUMANITY

Carolina Becker Koppe Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende demonstrar como a obra *A desumanização* (2014), do escritor Valter Hugo Mãe, propõe uma ressignificação do conceito de humanidade tendo como ideia principal o fato de que todo ser humano apresenta contradições e possui uma complexidade tal que não é possível pensarmos em *ser humano* somente por meio de uma caracterização positiva. O fato de que a desumanização é também parte da humanização coloca em evidência como as singularidades estão constantemente oscilando entre um *deixar de ser* e *vir a ser*, em uma espécie de errância que se abre sempre para novas possibilidades. Além de a história da narrativa possibilitar tais incursões, aspectos formais, tais como o espaço e a linguagem, permitem que ela se encaixe naquilo que propõe Ottmar Ette (2009) a respeito das literaturas sem residência fixa.

Palavras-chave: desumanização; singularidade; literatura sem residência fixa.

**ABSTRACT:** This article aims to demonstrate how the work *A desumanização* (2014), by the writer Valter Hugo Mãe, proposes a redefinition of the concept of humanity whose main idea is the fact that every human being has contradictions and is so complex that it is not possible to think of the human being only through a positive characterization. The fact that dehumanization is also part of humanization highlights how the singularities are constantly oscillating between *stop being* and *being*, in a kind of wandering movement that is always open to new possibilities. In addition to the historical perspective of the narrative which allows such incursions, formal aspects, such as space and language, also allow it to fit in what Ottmar Ette (2009) proposes about the literature without fixed residence.

Keywords: dehumanization; singularity; literature with no fixed residence.

É comum percebermos no texto literário, de forma intensificada a partir do século XX, uma tendência em não mais se buscar uma fidedignidade do real, no sentido de uma representação mimética, mas de, por meio da exploração das potencialidades da linguagem, ficcionalizar a realidade. Esse movimento indica um questionamento dos sentidos preestabelecidos, ou até mesmo do excesso de sentidos, e permite a

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários, UFPR.

construção de um processo de redefinição de fronteiras, espaços, identidades e alteridades, em que as definições que nos remetem àquilo que nos exprime — e, muitas vezes, nos limita — no mundo são colocadas em prova frente à impossibilidade de conceituar uma experiência complexa e sempre cambiante.

Apesar de ser difícil o caminhar em direção à multiplicidade apresentada pela pós-modernidade, é possível reconhecer gestos significativos na tentativa de mudar a ordem das coisas e perceber que não existe um modelo ideal a ser seguido. Aquilo que nos é contemporâneo, seguindo o raciocínio de Giorgio Agamben (2009), não tem padrão, não permite repetição, justamente porque só pode ser apreendido em sua opacidade, naquilo que não está dado e, portanto, não pode ser padronizado. Em outras palavras, só é possível apreender o contemporâneo quando se desvela o que se encontra nas entrelinhas, o que não é aparente.

Sair de si e voltar a si, desterritorializar para reterritorializar, questionar o que está dado e perceber o que não está aparente são ações que apontam para um movimento de deslocamento, em que a tendência ao permanente, ao hábito, entra em choque com o inacessível, o estranho. Tal deslocamento pode ser compreendido como um movimento nômade, projetando no tempo e no espaço — não só de forma literal — um eu que reconhece as diversidades e tece as continuidades.

Nômade é aquele que é errante, que não possui moradia fixa e que leva um modo de vida não sedentário. Move-se em uma determinada direção, mas nunca em uma direção pré-determinada. Neste cenário, as fronteiras são movediças e os lugares não são determinados, são limiares e confins. Errante é aquele que é “ao mesmo tempo de um lugar e simultaneamente tendendo para um não-lugar” (MAFESSOLI, 2001, p. 87).

A metáfora do nomadismo pode nos incitar a uma visão mais realista das coisas: a pensá-las em sua ambivalência estrutural. Assim, para a pessoa, o fato de que ela não se resume a uma simples identidade, mas que desempenha papéis diversos através de identificações múltiplas. (MAFESSOLI, 2001, p. 78).

Assim, a figura do nômade prefigura relações produtivas tendo em vista que o seu movimento problematiza questões como identidade, fronteira e liberdade e, de maneira metafórica, na literatura, permite um desenraizamento da linguagem literária, dando lugar a produções literárias que Ottmar Ette (2009) chama de *literaturas sem residência fixa*. Para o autor,

O desenvolvimento de literaturas sem residência fixa, como formas de escrever translinguísticas e transculturais, que pode ser observado claramente desde o último quarto do século XX, fez com que todos os elementos e aspectos da produção literária fossem colocados em movimento de um modo muito mais radical e duradouro do que nunca. (ETTE, 2009, p. 04).<sup>2</sup>

Isso significa que, em um mundo que já não comporta mais identidades fixas, há uma tendência, em certa literatura, de se abandonar a preocupação de se estabelecer identidades nacionais, culturais, políticas e, muito pelo contrário, criar novas formas de expressar a complexificação da sociedade. Contudo, não se trata de não considerar o nômade como detentor de uma identidade, apenas de aproximar parte da ficção contemporânea ao movimento típico do nomadismo para revelar como não há, nela, uma intenção de estabelecer verdades, mas de apontar para um universo que está sempre por se fazer, cheio de possibilidades.

Desse modo, como resultado de um processo de constante desintegração de verdades, diluição do tempo e do espaço, a ideia de indivíduo também se dilui, já que ao não se ter como ponto de apoio uma verdade absoluta para que se possa repousar com tranquilidade, o ser humano se vê igualmente como parte dessas constantes mudanças, entendendo-se tão fluido como o mundo que o cerca. Assim, a saída é

---

<sup>2</sup> “El desarrollo de literaturas sin residencia fija en el sentido de formas de escribir translingüísticas y transculturales, que puede observarse con claridad desde el último cuarto del siglo XX, ha llevado a que todos los elementos y aspectos de la producción literaria se hayan puesto en movimiento de un modo mucho más radical y duradero que nunca.” (ETTE, 2009, p. 04).

encarar essa fluidez por meio do movimento, sem criar raízes, reconhecendo as multiplicidades e os devires.

O não estabelecimento de identidades fixas é uma resposta à descentralização e uma oposição à hierarquização e verticalidade de instituições tradicionais. O século XXI, que corresponde à 4ª fase da globalização, segundo Ottmar Ette, está sendo acometido por uma movimentação horizontal, que se alastra, por isso mesmo, de forma muito mais silenciosa e abrangente. Se pensarmos em alguns movimentos sociais, como o que ocorreu em torno do Movimento Passe Livre no Brasil, em junho de 2013, vemos como, por conta da atual facilidade de comunicação, foi possível o estabelecimento de uma significativa rede de relações que possibilitou reivindicações simultâneas em todo o país, as quais não foram idealizadas por grupos autoritários e hierarquizados, mas partiram de uma espécie de comoção coletiva e horizontal.

Tal horizontalidade torna a complexa rede de relações humanas muito mais aparente, pois atua como um líquido de contraste, evidenciando as conexões presentes em nossa sociedade globalizada, remetendo-nos à ideia do sistema do rizoma, definido como o que é “a-centrado não hierárquico e não significativo, sem General, sem memória organizadora ou autômato central.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 33).

Ao contrário de sistemas arborescentes, que, segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 26), são “sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação, autômatos centrais como memórias organizadoras”, o rizoma permite a construção de sentidos por meio de multiplicidades, em que não há uma definição prévia de papéis; estes são intercambiáveis na medida que ocupam distintos lugares e criam, a cada novo lugar, diferentes redes de conexão e, portanto, de significância.

Por meio do atravessamento desse sistema rizomático, reconhecemos a noção de vetor proposta por Ette (2009) — a qual mostra uma possibilidade de direção, de atravessamento do espaço, que só é possível justamente porque não há, ao pensarmos

na literatura sem residência fixa, uma delimitação de fronteiras, uma vez que ela se define por não ter uma unidade, identidade, mas por esfumar os limites, sempre em prontidão para o novo.

Dessa forma, quando falamos em literatura sem residência fixa não estamos querendo dizer necessariamente literatura de viagens. Vai muito além disso. Essa literatura engloba os textos literários em trânsito, que ultrapassam dimensões espaciais, linguísticas, culturais e se inscrevem em uma espécie de confim literário, em que não há preocupação em se delimitar algo, mas de, justamente, por meio da expressão artística, demonstrar como a literatura pode ser um espaço para além das fronteiras e disciplinas estanques.

A literatura é, de fato, o melhor antídoto contra qualquer simplificação e esquematização propagandística oriunda da propaganda ou da cultura de massa. Em nosso tempo, que é o da quarta fase da globalização acelerada (após as fases da primeira metade do século XVI, da segunda metade do século XVIII e do final do século XIX), a literatura se converteu em um laboratório da experiência da complexidade cultural, em uma escola de reflexão a respeito do complexo e do inconcluso. O *saber sobreviver* da literatura está ligado de um modo fundamental a uma poética do movimento, que se orienta não tanto pelas fronteiras, mas pelos caminhos do saber, não tanto em *roots*, mas em *routes*. Se interessa pela história (*Geschichte*), não pela sedimentada ou estratificada (*geschichtete*), mas pela vetorial, pela direcional (*gerichtete*). (ETTE, 2009, p. 02).<sup>3</sup>

Parte da ficção contemporânea está se mostrando um espaço de expressão de um pensamento associativo e rizomático, que permite experimentações, como a

---

<sup>3</sup> “La literatura es, en efecto, el mejor antídoto contra cualquier simplificación y esquematización propagandística derivada de la propaganda o de la cultura de masas. En nuestro tiempo, que es el de la cuarta fase de la globalización acelerada (tras las fases de la primera mitad del siglo XVI, la segunda mitad del siglo XVIII y el último tercio del siglo XIX), la literatura se ha convertido en el laboratorio de la experiencia de la complejidad cultural, en una escuela de reflexión de lo complejo y de lo inconcluso. El *saber sobrevivir* de la literatura está ligado comprometido de un modo fundamental a con una poética del movimiento que se orienta, no tanto en las fronteras, como en los caminos del saber, no tanto en *roots*, como en *routes*. Se interesa por la historia (*Geschichte*), pero no por la sedimentada o estratificada (*geschichtete*), sino por la vectorial, la direccional (*gerichtete*).” (ETTE, 2009, p. 02).

obliteração das fronteiras entre ficção e realidade e a mescla de gêneros do discurso, de meios de expressividade e de linguagens. De acordo com Josefina Ludmer (2010), essas são características que permitem reunir esse tipo de literatura sob o que chama de literaturas pós-autônomas. Pós-autônomas porque, segundo a autora, tais escrituras já não podem ser lidas com critérios ou categorias como autor, obra, estilo, etc — categorias que asseguraram a especificidade do texto literário e sua autonomia. Já não existe uma separação demarcada entre o que é literatura e história, ficção e realidade.

A situação de perda de autonomia da literatura (ou do literário) é a do fim das esferas ou do pensamento das esferas (para praticar a imanência de Deleuze). Como já foi dito muitas vezes: hoje se borram os campos relativamente autônomos (ou se borra o pensamento em esferas mais ou menos delimitadas) do político, econômico, cultural. A realidade-ficção da imaginação pública as contém e as fusiona. (LUDMER, 2010, p. 153).<sup>4</sup>

Assim, com essa perspectiva, o mimetismo não é um conceito adequado para se pensar a literatura, uma vez que a realidade é essencialmente heterogênea e não permite o estabelecimento de um modelo porque se constitui por meio de um processo contínuo de significância. Dessa forma, nessas literaturas pós-autônomas, ou nas literaturas sem residência fixa, há o estabelecimento de uma rede de significações que se difere das classificações binárias comumente utilizadas pelos estudos da literatura: nacional e cosmopolita; tradição e vanguarda; rural e urbano; realidade histórica e ficção.

---

<sup>4</sup> “La situación de pérdida de autonomía de la literatura (o de “lo literario”) es la del fin de las esferas o del pensamiento de las esferas (para practicar la imanencia de Deleuze). Como se ha dicho muchas veces: hoy se desdibujan los campos relativamente autónomos (o se desdibuja el pensamiento en esferas más o menos delimitadas) de lo político, lo económico, lo cultural. La realidad-ficción de la imaginación pública las contiene e las fusiona.” (LUDMER, 2010, p. 153).

## 1. A DESUMANIZAÇÃO — UMA LITERATURA SEM RESIDÊNCIA FIXA

É pensando nos conceitos de literatura sem residência fixa e literatura pós-autônoma que podemos apresentar a obra romanesca do escritor Valter Hugo Mãe. Embora seja considerado um escritor português, Valter Hugo Mãe nasceu na Angola, em 1971. Muito cedo se mudou para Portugal e, desde então, permaneceu em terras lusitanas, sendo hoje considerado um escritor português. Contudo, é nítida em sua obra uma necessidade, ou uma tendência, a não circunscrever sua escrita a um âmbito nacional, no caso, ao âmbito português, com exceção dos livros *O nosso reino* (2004) e *A máquina de fazer espanhóis* (2010), em que encontramos traços da história de Portugal que se fazem presentes não para criar uma identificação nacional, mas, ao contrário, para desconstruir qualquer imagem de uma nação.

De todo modo, em todos os seus romances, por meio de uma linguagem embebida na poesia<sup>5</sup> e de temas que versam, principalmente, sobre a marginalização do ser humano que é tido como excêntrico para a sociedade da qual faz parte, o escritor utiliza-se do inverificável, do fantástico, para colocar em evidência o caráter desconcertante das relações humanas, dando existência a seres que são excluídos por, de alguma maneira, apresentarem traços grotescos para aqueles que os veem. Além disso, aborda mundos concebíveis, mas impossíveis, muitas vezes, de se efetivar no mundo real.

---

<sup>5</sup> É muito comum a aproximação da prosa do escritor à poesia, já que alguns trechos de suas narrativas são autossuficientes, como se não fosse necessário saber a história de antemão para compreendê-los. A este respeito, o autor, ao ser entrevistado pela revista Blimunda sobre seu último livro, *A Desumanização*, revela o seguinte em relação à linguagem que empregou: “Não precisa entender a narrativa, não é? Eu gosto disso, gosto e acho que caminho nessa direção da prosa como outra dimensão da poesia, as frases todas imbuídas de um sentido profundamente estético, além de obviamente, necessariamente, de seu sentido épico, mas sempre com um sentido profundamente estético.” Disponível em:

<[https://revistablimunda.files.wordpress.com/2014/06/blimunda\\_25\\_junho\\_2014.pdf](https://revistablimunda.files.wordpress.com/2014/06/blimunda_25_junho_2014.pdf)>. Acesso em 27 jun. 2014.

Ao construir personagens excêntricos, aproxima-se do conceito de metaficção historiográfica porque põe em evidência sujeitos que, se são renegados pela sociedade, certamente não constariam em livros de História. A esse respeito, Jacques Rancière (2009) afirma que é justamente o anonimato que caracteriza o regime estético das artes mais recentemente, especialmente da literatura: “identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstituir mundos a partir de seus vestígios, é um programa literário, antes de ser científico.” (RANCIÈRE, 2009, p. 49).

Em seu mais recente romance, *A desumanização* (2014), temos uma narrativa que possui como espaço terras inóspitas na Islândia, e como principal marca o uso de uma linguagem poética, características que abrem espaço para a simbolização de novos conflitos e paisagens — além de novas formas de se conceber o discurso literário —, que se afastam da representação nacional e de um debate identitário. Em outras palavras, trata-se de um texto literário que já não supõe de antemão um público definido e nem representa um grupo ou nação de forma limitada — algo que, até o surgimento dos escritores pós-modernos, era uma espécie de preocupação das diversas literaturas nacionais. Nesse sentido, podemos reconhecer, principalmente em relação a *A desumanização*, um movimento de desterritorialização da literatura em língua portuguesa e uma consequente reterritorialização, a qual delineia um novo modo de se pensar a literatura e uma tendência em tratar temas de uma maneira menos particular.

A linguagem presente na narrativa apresenta-se de maneira mesclada e de forma associativa, no sentido de que não precisamos necessariamente seguir uma linearidade textual para compreender algum trecho específico. Pelo fato de ser altamente poética há um forte indício de que estamos diante de uma ficcionalização da realidade e não de uma tentativa de recuperá-la de maneira fidedigna. São inúmeras as passagens em que a narrativa ganha outra dimensão, na qual há um distanciamento da



realidade objetiva, ou da história narrada, e uma aproximação do tom ensaístico e poético.

Num certo sentido, todos os homens começaram por ser uma mulher. A mulher grávida não difere do seu filho senão já tarde. E o filho apenas muito depois se apercebe de algum desajuste entre o seu corpo e o que o circunda. Num certo sentido, elas são verdadeiramente o único gênero que existe, porque os homens são mulheres que desempenham um papel específico que a estratégia das próprias mulheres inventou. Os homens são mulheres funcionalizadas, instrumentalizadas para um objetivo muito claro que apenas elas podiam traçar. Deixássemos a decisão do lado deles e talvez se multiplicassem de modo diferente, jocosos ou desrespeitosos. Um modo suicida. (HUGO MÃE, 2014, p. 64).

Embora tenhamos citado na obra um espaço definido, a Islândia, não podemos afirmar que se trata de um espaço fixo, já que é fruto da criação narrativa de um escritor (considerado português e nascido em Angola) que não tem a preocupação de retratar, de forma mimética, a realidade do lugar e nem de construir qualquer noção identitária islandesa. Para além disso, o espaço e a linguagem assumem, na narrativa, uma perspectiva rizomática, ou seja, de simultaneidade e não espacialidade, uma vez que permitem mapeamentos que possibilitam que entremos na narrativa quase que em qualquer ponto sem que com isso percamos de vista um plano geral. De acordo com Luis Alberto Brandão (2013), essa simultaneidade, associada à abordagem espacializante, pode ser considerada como típica das narrativas pós-modernas.

A pós-modernidade se caracteriza pelo projeto de “abrir e recompor o território da imaginação histórica através da espacialização crítica”, projeto que corresponde à reversão da tendência, dominante nas análises sociais em vigor no século XIX, de privilegiar o tempo e a história em detrimento do espaço e da geografia. A reversão, acentuada a partir dos anos 1960, representa a “reequilíbrio” entre a noção de sequência — típica do enfoque que prioriza o aspecto temporal — e a de simultaneidade — associado à abordagem espacializante. (BRANDÃO, 2013, p. 20).

Assim, o espaço, no livro, apesar de poder ser tomado como algo da ordem do observável, assume um caráter volátil, apresentando uma condição de possibilidade.

Tal condição pode ser observada por meio do que nos diz a personagem central da narrativa ao contar aquilo que ouvira de seu pai:

O meu pai também dizia que a Islândia era deus e era a beleza de deus. E achava que, um dia, deus ia ficar feio. Quando deus ficar feio, disse ele, as coisas mudarão de lugar. As de cima para baixo e as de baixo para cima e as do meio para dentro. Até, talvez, vir para fora aquilo que está escondido. As coisas boas e as más. Depois há de ter outra beleza. Talvez apenas não a possamos entender. (HUGO MÃE, 2014, p. 26).

Entre outras coisas, podemos inferir que a Islândia não é somente um espaço geográfico. Em toda a narrativa, o território islandês é apresentado como um organismo vivo e, como tal, capaz de provocar movimentos ou mesmo apresentar sentimentos, sendo capaz de mesclar, assim como o ser humano, as noções de beleza, humanidade e desumanização.

Era uma espécie de loucura. Não havia modo de enjaular animais tão espirituais. Era igual a querermos controlar o nervoso da Islândia. Da Islândia inteira. Um nervoso que se nos impunha, tão vulneráveis e para tudo deixados à deriva. (HUGO MÃE, 2014, p. 128).

Em *A desumanização*, além de o espaço ser um elemento que provoca deslocamento e, portanto, desterritorialização, os personagens também provocam uma espécie de movimento, ao problematizarem aquilo que se espera da normalidade, do hábito. Em linhas gerais, a história é contada por Halla, uma menina de 12 anos, que acabara de perder sua irmã gêmea, Sigridur. Sua relação com seus pais é conturbada e sua infância é permeada pela morte, já que se considera e é vista por outras pessoas como a *menos morta* das irmãs.

A temática da morte se mistura com o desértico espaço islandês e com a secura das relações que se estabelecem ao longo da narrativa. Halla sofre com a morte da irmã e, ao mesmo tempo, é repudiada — e fisicamente mutilada — por sua mãe e só encontra consolo naquilo que seu pai lhe diz ou nos poemas que ele com ela

compartilha. Aos 12 anos, Halla engravida e se torna, juntamente com Einar, seu companheiro, ainda mais desfalecida, um pouco mais morta, apesar da vida que passou a carregar dentro de si.

Assombrávamos. Eu e o Einar. Éramos aberrações e apenas assustávamos o mundo, sobretudo legitimado pela piedade do Stéindor, que nos atendia ao conforto possível, os restos de comida, o destino dos afazeres espirituais. Éramos suportáveis apenas pela dimensão espiritual do sofrimento. A expectativa sempre custosa da fé. (HUGO MÃE, 2014, p. 93).

O fato de a personagem representar uma anomalia para seu entorno permite que entre em cena uma discussão, principalmente posta por meio da fala do pai de Halla, sobre a maneira como aquilo que é estranho possibilita uma ressignificação da ideia de humanidade. A desumanização passa a fazer parte da humanização. Ao tratar do isolamento do indivíduo marginalizado em relação àquele que o coloca em situação limiar, Hugo Mãe mostra como o ser humano pode ser ao mesmo tempo cruel e benévolo, independentemente do lugar que ocupa. E são essas contradições que fazem com que o ser humano se torne humano.

Portanto, ao questionar a noção de humanidade e o fato de que *ser humano* nem sempre implica em ser benévolo e correto, já que atitudes e características contraditórias são típicas dos seres humanos, fica claro que a narrativa aponta para movimentos, para lugares cambiantes, seja por meio do espaço literário, que pensa, sente e possui vida — e por isso é contraditório e volátil —, seja por questionar a ideia de humanidade, que parece sempre estar por se fazer e inclui em seu bojo, certamente, a noção de desumano.

Ao longo da narrativa, percebemos como a noção de humanidade (ou desumanização) contém em si a ideia de partilha, no sentido de que o ser humano só se humaniza quando estabelece relações.

O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa qualquer. (HUGO MÃE, 2014, p. 15).

Junto à ideia de que é preciso estabelecer relações para que haja *significância*, temos a noção de que só através da partilha é que podemos chegar à beleza. Assim, o belo e o humano só existem se houver um compartilhamento de experiências. O que nos leva ao entendimento de que tanto a experiência estética quanto a vivência humana só se afirmam quando há movimento e abertura para novas significações. Tal ideia perpassa toda a narrativa e pode ser pontualmente observada mais uma vez por meio do que afirma o pai de Halla:

Sobre a beleza o meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece quando a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro. (HUGO MÃE, 2014, p. 27).

A expectativa da reunião com o outro não é exatamente o mesmo que estar com o outro, partilhar, mas é o que sinaliza a intenção de um deslocamento ou o que denota a iniciativa para o novo, para o diverso, para o outro absoluto. Somente por meio dessa intenção de compartilhamento é possível que o ser humano encontre sentido enquanto tal e consiga dar significado à sua existência. Dessa forma, a ideia do belo perpassa a noção de partilha e, por esse motivo, não é estanque, está sempre sendo ressignificada, à medida que as singularidades também não são estáticas e estão sujeitas a deslocamentos e contradições.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando-se de uma linguagem híbrida e apresentando um espaço narrativo instável, a obra analisada de Valter Hugo Mãe nos apresenta diversos indícios de que não se trata de uma narrativa convencional, edificante de algum sentido maior ou preestabelecido. Trata-se de um texto literário que propõe movimentos em pelo menos três instâncias: por meio da linguagem, do espaço e do tema que enseja. Ao propor diferentes deslocamentos, concluímos, portanto, que *A desumanização* é uma obra que não possui residência fixa, conforme explicita Ottmar Ette.

Ao apresentar uma linguagem imbuída de poeticidade, percebemos que não há uma preocupação do escritor em seguir com convenções genéricas sobre o que vem a ser a linguagem de um romance. Há, portanto, uma mescla de gêneros textuais, como a poesia, o romance e o ensaio, que nos permite localizar este texto literário como fazendo parte de uma gama de textos que Josefina Ludmer une ao apresentar o que seriam as literaturas pós-autônomas, ou seja, aquelas literaturas que não estão preocupadas em demarcar a especificidade do texto literário e, por consequência, sua autonomia.

O espaço literário, apesar de fisicamente marcado como sendo um lugarejo na Islândia, é tão instável e enigmático quanto o pode ser um personagem, com seus devaneios e contradições. Além disso, há um entrecruzamento de percepções, uma vez que o escritor se apropria de um imaginário que não lhe é familiar e constrói uma narrativa em torno deste espaço por meio de sua percepção como sujeito do mundo e não especificamente como indivíduo de uma nação, trazendo um olhar estrangeiro às lendas e às especulações típicas da Islândia.

Por fim, os vários temas presentes na narrativa parecem desembocar em um tema maior que aponta sempre para a ideia de que o ser humano é contraditório e cambiante e, portanto, possui como característica, assim como a narrativa: a de não

apresentar um lugar fixo, um fim, mas estar sempre se reinventando, em trânsito, estabelecendo relações.

Tais relações são essenciais para o processo de (des)humanização dos seres humanos, uma vez que é somente por meio do compartilhamento e, portanto, da relação com o outro, que se pode chegar ao sentido de humanidade e beleza. Assim, o que pretendemos entrever também em *A desumanização* é como ser desumano — o que implica em ser contraditório, incompleto e nem sempre politicamente correto — faz parte da essência humana e, portanto, faz parte de *ser humano*, o que nos leva à conclusão de que humanizar-se é também desumanizar-se. Nesse sentido, a desumanização, assim como a humanização, não é estanque, fixa, mas indica um movimento, uma vez que se trata de uma condição que implica em contradição e incompletude e, por isso, em possibilidades.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- ETTE, Ottmar. Hacia una poética del movimiento: literaturas sin residencia fija. In: *Afinidades*. Granada: no. 2, Outono 2009, pp. 85-96.
- HUGO MÃE, Valter. *A desumanização*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- \_\_\_\_\_. "A paz de Valter Hugo Mãe". *Revista Blimunda*, n. 22, mar. 2014b. (Entrevistado por Ricardo Viel). Disponível em: <[https://revistablimunda.files.wordpress.com/2014/06/blimunda\\_25\\_junho\\_2014.pdf](https://revistablimunda.files.wordpress.com/2014/06/blimunda_25_junho_2014.pdf)>. Acesso em 27 jun. 2014.
- LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina. Una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

Submetido em: 18/08/2015

Aceito em: 15/09/2015